

Começa a 'dança das cadeiras'

Fotos de arquivo

■ Congresso tomou posse há apenas um mês, mas já registra 11 trocas de partido

DANIELLA SHOLL

BRASÍLIA — Passado um mês da posse do novo Congresso — mas com um funcionamento efetivo de duas semanas —, os parlamentares já ensaiam o ritual da *dança das cadeiras*: o troca-troca de um partido por outro. Oito dos 513 deputados e três dos 81 senadores já mudaram de legenda. Se esse ritmo de 11 viradas de casaca por mês for mantido e as reformas políticas que prevêem a fidelidade partidária não forem aprovadas, ao final de quatro anos de legislatura é possível que o troca-troca supere as 284 mudanças de legenda registradas no período legislativo de 1990 a 1994.

“O que fica claro é a absoluta falta de coerência ideológica”, avalia a líder do PDT no Senado, senadora Júnia Marise (MG), ela própria ex-peemedebista e ex-col-lorida, mas que garante que o PDT é, agora, sua legenda “definitiva”. O partido de Brizola foi o que mais sofreu com os desfalques até o momento: perdeu dois de seus seis senadores e um de seus 35 deputados.

O primeiro a virar a casaca, o senador José Bianco (RO), só esperou tomar posse, em 1º de fevereiro, para mudar radicalmente de time, no mesmo dia: saiu do PDT, partido que defende a manutenção dos monopólios e é contra a privatização de estatais, para o PFL, aquele que ainda considera “tímidas” as reformas na ordem econômica propostas pelo governo. Poucas semanas depois, foi a vez de o senador cearense Lúcio Alcântara deixar o PDT, filiando-se ao PSDB.

Afinidade — “Não sou pedetista histórico. Entrei no partido por conveniências eleitorais”, admite Bianco. Lúcio Alcântara — este sim um pedetista histórico, um dos fundadores do PDT em seu estado e ex-vice governador de Tasso Jereissati — dá outras razões: “Tenho mais afinidade ideológica hoje com os tucanos do que com os pedetistas”. Além dos dois, também deixou o partido o capixaba Luiz Buaiz — primo do governador petista Vitor Buaiz —, desde o dia 13 filiado ao liberal PL.

Mas o que explica parlamentares se transferirem para times ideologicamente tão diferentes? Quem responde é o deputado João Almeida (PMDB-BA), presidente da comissão encarregada

de elaborar as propostas de reformas políticas: “Uma grande parte dos políticos não entra num partido por afinidades programáticas ou ideológicas. As legendas só servem para as conveniências eleitorais e pessoais do momento e para a exacerbação das veleidades”. João Almeida, que está no PMDB desde sua formação, acha que a fidelidade partidária tem de ser radical: “A troca de partido deve ser punida com perda de mandato”.

Iscas — Os atrativos para troca de legenda podem ser muitos: um cargo oferecido na Mesa, na liderança ou a promessa de indicações de cargos no Executivo e a esperança de pertencer a uma bancada mais próxima ao poder. “O PFL está com essa política agressiva e se dá bem porque já ficou claro que é o partido com maior influência no governo hoje”, analisa o vice-líder do PT na Câmara, Paulo Bernardo (PR).

No Senado, o PFL ganhou dois senadores (José Bianco e Romero Jucá) e já tem 21 cadeiras, uma a menos que o maior partido, o PMDB. Está prestes a filiar mais três senadores e em dois anos terá o direito de indicar o presidente do Senado. Na Câmara, o bloco PFL-PTB já conta com 121 deputados, 15 a mais que o maior partido, o PMDB — que perdeu um deputado. O PFL, por sua vez, ganhou dois e o PTB mais um.

O deputado paulista Vicente Cascione, que no dia da posse trocou o PL pelo PTB, não vê mal na infidelidade nem no fato de os partidos servirem para conveniências pessoais. “Por que ser fiel a uma ficção?”, pergunta ele. “Não acredito em partidos políticos. Eu fico onde perceber que há mais pessoas sérias e honestas. No PL, que é um partido que está se desmanchando, eu não passaria de uma figura decorativa. No PTB, ganhei a vice-liderança do partido e sou membro titular da Comissão de Constituição e Justiça, a comissão mais importante da Câmara”, afirma.

Cascione já foi filiado ao PV e disputou a prefeitura de Santos, em 1992, pelo PDS. “O partido para mim é acidental mesmo. Fico onde perceber que posso desenvolver o meu trabalho. Não entrei na política a essa altura da vida para ser nuvem. Eu vim para fazer e aparecer”, afirma.



Romero Jucá (E) e João Melão são integrantes do bloco dos 'infieis'

O ENTRA-E-SAI

CÂMARA

PARLAMENTAR	DO	PARA	ESTADO
Luiz Buaiz	PDT	PL	ES
Zé Gomes Rocha	PRN	PSD	GO
Pedro Canedo	PP	PL	GO
Herculano			
Anghinetti	PMN	PSDB	MG
Francisco			
Rodrigues	PTB	PSD	RR
Wilson Cunha	PMDB	PFL	SE
Vicente Cascione	PL	PTB	SP
João Mellão	PL	PFL	SP

SENADO

PARLAMENTAR	DO	PARA	ESTADO
Romero Jucá	PPR	PFL	RR
José Bianco	PDT	PFL	RO
Lúcio Alcântara	PDT	PSDB	CE

Fonte: Secretarias Gerais das Mesas da Câmara e Senado